



THOMAS, Angie. O ódio que você semeia (The hate u give). Tradução de Regiane Winarski. -1 ed. - Rio de Janeiro: Galera, 2017.

A RUÍNA DA IGUALDADE SOCIAL E O DISCURSO DE ÓDIO

The ruin of social equality and the hate speech

Andréia Souza de, ARAÚJO (UFAC)¹

A sociedade atual vive a ruína da igualdade e a disseminação do discurso de ódio, muito provavelmente a cargo de pensamentos racistas, excludentes e oriundos de um longo processo histórico de colonização e seus efeitos. Em 2017, Angie Thomas lançou *O ódio que você semeia*, intitulado originalmente como “*The hate u give*”, uma obra que, em suas 378 páginas, enfatiza o preconceito e a imposição de padrões na sociedade por meio da representação da vida de uma jovem negra que passa por situações caóticas durante toda a trama. Angie é negra, moradora de Mississipi e Bacharel em Escrita Criativa pela *Belhaven University*, assim como a personagem principal denominada *Starr*, ela busca a representatividade e a quebra de paradigmas, apresentando ao leitor que não importa se você é negro no Brasil, nos Estados Unidos, ou em qualquer lugar do mundo, esse ódio não deve ser disfarçado, mas discutido.

Explicando que sua narrativa está concentrada de forma momentânea no recesso de primavera, a voz da narradora evidencia que nessa época a cidade, e principalmente as casas de festejo, estavam cheias, em uma efervescência de energias, bebidas a postos e a sexualização das pessoas exposta escancaradamente, trazendo o desconforto da garota por não se sentir feita para aquele lugar: “[...] É que tem alguns lugares onde não basta ser eu. Nenhuma versão minha. A festa de recesso de primavera de Big D é um desses lugares [...]” (THOMAS, 2017, p.9).

¹ Universidade Federal do Acre, Acre, Brasil. Licenciatura em Letras/ Língua Portuguesa; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0479-5317>. Email: andrea.araujo@sou.ufac.br

O livro se refere aos acontecimentos na vida de pessoas reais, que no seu cotidiano são expostas a tais situações, principalmente, mas não exclusivamente, nos Estados Unidos, em que fatos recentes abordam a violência policial contra negros similar ao tipo de tratamento que recebem na obra. Os limites preestabelecidos entre os personagens acabam se rompendo, e o discurso de ódio vai se mascarando junto à modernidade apresentada, o próprio pai de *Starr, Maverick* tem que se esforçar e continuar apanhando da vida, mas faz de tudo para que ela e o resto da família aprendam a lidar com as coisas, sem que eles precisem cometer erros para aprender, mesmo sabendo que não é algo que pode ser evitado. A mãe dela, *Lisa*, tenta colocar os filhos em uma bolha, com medo de que o preconceito e a desigualdade assale suas mentes, embora em algum momento, isso irá acontecer.

A obra foi dividida em 5 partes, cada uma dividida em seções, onde a autora faz recortes temporais e neles discorre sobre a vida da personagem principal e todos ao seu redor, bem como descreve em forma de narrador personagem, alguns acontecimentos de cunho mais grave, alguns com referências aos ataques racistas, certos movimentos de luta por voz e ações de alguns órgãos, condizentes em: “[...] Os policiais pisoteiam o santuário em homenagem a Khalil, a multidão corre. Alguém segura meu braço. A Sra. Ofrah[...]” (THOMAS, 2017, p.228).

As principais ações de preconceito destacadas pela autora funcionam como um demaquilante, tirando toda a maquiagem que é imposta sobre a questão da desigualdade, da violência, da sexualização e do discurso de ódio contra negros, não somente de cidadãos comuns, mas por autoridades, que preferem acobertar algumas ações próprias e botar a culpa no acaso. As diversas linhas de pensamento das pessoas em relação a *Starr* entram em confronto quando ela começa a gostar de um garoto branco. A partir de então, ela é constantemente atacada por estudar em um lugar particular e ser negra, as pessoas criam padrões sociais em que, na mente deles, uma pessoa negra vive de roubos e da venda de drogas, ou quaisquer outras coisas ilícitas, mesmo assim o romance entre eles continua, porque os dois conseguem entender suas problemáticas e enfrentar tudo isso.

A obra lembra as produções de “*The Help*”(2009) de *Kathryn Stockett*, e “*Between The World And Me*”(2015), da jornalista *Ta-Nehisi Coates*, em que o negro sofre até o momento em que vê a necessidade de não se calar diante das situações de opressão e ódio, e o protagonismo e a representatividade que a personagem de “*The hate u give*” adquire quando percebe que tem muito a dizer são coisas necessárias em tempos atuais, em que evidenciam-se esses acontecimentos, e que precisam ser escancarados para que sejam discutidos da maneira correta. Convivendo com esses conflitos, *Starr* após perder seu amigo Khalil por um tiro durante a abordagem de um policial, começa a perceber que quanto mais tempo se calar, mais vidas serão

tiradas. Diversas passagens no livro mostram esta realidade, conforme podemos observar em: "[...] Esse é o problema. Nós deixamos as pessoas dizerem coisas, e elas dizem tanto que se torna uma coisa natural para elas e normal para nós. Qual é o sentido de ter voz se você vai ficar em silêncio nos momentos que não deveria? [...]" (THOMAS, 2017, p. 214). O apelo histórico para que se enxergassem novas formas de preconceito acobertadas por expressões cotidianas que nem sempre são notadas pela grande população acabou enfatizando a coragem da autora de retratar assuntos que causam medo aos negros em relação ao discurso, promovendo um nível de debate real que desativa as condições de injustiça e desumanidade, dando poder e fala para que rostos não precisem ser virados, para que cor de pele não seja um rótulo na sociedade, atingindo assim, o auge da luta pela igualdade social.

A ruína da igualdade social não se encontra apenas nas páginas em que o romance de *Starr* é criticado por pessoas da escola privada, como também na situação em que ela recebe críticas das pessoas que moram no mesmo subúrbio que ela, por frequentar uma escola particular. Os garotos que convivem com ela a chamam de 'branca', pois além de ter um namorado uma pessoa de pele branca, *Starr* possuía amigos brancos, e isso fez com que durante a trama, ela fosse representada por divisões de classe. A obra apresenta uma escrita literária com potencial para problematizar, tensionar e questionar o racismo, e mostrar que o preconceito entre os próprios negros sendo levado como um preconceito "bom" ou "comum", é apenas mais uma das máscaras que a sociedade tenta impulsionar, vale ressaltar, porém, que essa divisão de classes quando ocorre, causa uma separação entre as raças, e outra questão que o livro traz, é que não deveria existir a classificação 'raça' no sentido de imposição de condição social, visto que é apenas uma condição, essa podendo ser alterada pelo indivíduo, não sendo necessário o separatismo de raças com julgamentos de posição na sociedade, minimizando assim, a disseminação do discurso de ódio.

A atmosfera de crises expressa na narrativa de Angie Thomas transparece, sobretudo, na vida de muitas pessoas no mundo, na forma como os personagens se mostram instáveis, incomodados, tristes e revoltados com as situações. Esse clima aparece nos conflitos de interesses, quando a protagonista decide fazer movimentos para não ter sua voz calada, onde as expectativas seriam causar rupturas do ódio e das desigualdades entrelaçados ao passado, construindo algo melhor, propiciando direitos e justiça, como ilustra a fala de DeVante durante a trama: "[...] -Tenho. Depois de ver você enfrentar aqueles policiais hoje, não sei, cara. Aquilo me afetou de alguma forma — diz ele. — E aquela moça disse que nossas vozes são armas. Eu devia usar a minha, né? [...]" (THOMAS, 2017, p.361). O cenário de revoluções e movimentos deu lugar a uma nova era, em que as novas representações sobre o mundo buscam como solução o empoderamento e voz negra, lutando por seu lugar entre as outras vozes, sem diminuir a importância de nenhuma delas.

Koselleck (2006), apresenta muitas teorias a respeito de uma ‘nova era’, mas pode-se compreender como uma experiência da qual não se deve esperar algo, mas que realmente seja posta em prática.

A partir de uma visão ampla acerca do livro, nota-se que a trama é permeada de sujeitos e questões sociais que precisam de visibilidade, a autora então constrói uma narrativa com inúmeras facetas e, ao mesmo tempo, contextualizada com a realidade. A sensação de ler a história abordada resulta na empatia ao próximo, miscigenando as percepções e trazendo consigo a necessidade interior de ajudar a lutar por direitos sociais.

De uma forma geral, há uma fonte de revolta e ânimos exaltados no ar. Todos os movimentos explanados pela autora trazem à tona todo o rancor descabido que é posto sobre a sociedade negra desde os antepassados. Sendo assim, se torna mais uma obra traduzida ao português e uma excelente escolha para aqueles que desejam conhecer mais sobre o pensamento crítico, principalmente sob um enfoque prático da luta pela igualdade. É uma ótima escolha para que haja a percepção da base histórica presente na história negra, desde o *Apartheid*, nos EUA, até os acontecimentos similares do Brasil e do mundo, de modo a promover debates, de forma original, em um tipo de preâmbulo aos rumos dos movimentos sociais que ainda ocorrem.

Referências

COATES, Ta- Nehisi. **Entre o mundo e eu (Between the world and me)**. Tradução de Paulo Geiger. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto: Ed.PUC-Rio, 2006, p.305-347

STOCKETT, Kathryn. **A resposta (The help)**. Tradução de Caroline Chang. -1 ed. - São Paulo: Bertrand Brasil, 2009.

THOMAS, Angie. **O ódio que você semeia (The hate u give)**. Tradução de Regiane Winarski. -1 ed. - Rio de Janeiro: Galera, 2017.